

4ª CAPA

Propaganda

Outubro / Novembro / Dezembro
2008

**Alerta Máximo:
Aves Ameaçadas
de Extinção**

Leia também
nesta Edição:

Para atrair as Aves
Aves do meu Jardim
Fotografando Aves
Observadores de Aves
O Incrível Bentevi



2ªCapa Propaganda

Editorial



Luiz Fernando Figueiredo

A revista Aves pretende trazer, mais que a oportunidade de sua leitura e de sua contemplação, o convite para uma admiração ainda melhor: das aves livres na natureza!

Terá cumprido sua missão, se trouxer, como um primeiro canto na alvorada, o despertar para esse novo olhar, quem sabe, para uma nova paixão?

Quem sabe também, na alquimia dessa nova experiência de vida, transformar, em muitos, a indiferença em cidadania, para perceber que o sangue escorrido no peito da saia-apunhalada é também culpa, em grande parte, de nosso descaso.

Descaso por seu espaço, sua casa, sua liberdade, suas necessidades para continuar enfeitando esse planeta, junto de nós.

Neste Número

Bentevi



Pag. 04

Patos, pedras e comida temperada a Fogoão-de-Lenha, no Vão da Babilônia



Pag.40

Observadores de Aves de Campinas



Pag. 21

O Canto do Cafezal



Pag.18

As Aves do Meu Jardim

Pag.23



Observar é para quem enxerga mais longe



Pag.32

Digiscoping



Pag.12

Você na Revista

Pag. 48



Aves Ameaçadas no Brasil e sua Conservação

Pag.16



Sobre carvalhos e grouns

Pag. 27



Fotografando Aves

Pag.25



Aves Raras nas Várzeas de Mogi das Cruzes



Pag.46

Capa: Bentevi - Foto Edson Endrigo
Editorial: Saira apunhalada - Foto André de Luca

Revista de Observação de Aves do CEO - Centro de Estudos Ornitológicos
www.ceo.org.br - Caixa Postal 64532 - CEP 05402 - São Paulo, SP
Editor Chefe: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo
Editores Associados: Antonio Wu, José Augusto de Carvalho,
June Lorraine Rodrigues Alves, Sulamit Pedrassoli, Tatiana Pengiluppi Souza.
Planejamento Gráfico: Antonio Wu. Jornalista Responsável:
Nº: Outubro/ Novembro/ Dezembro de 2008. Para receber a revista, associe-se ao CEO.

Bentevi Bentevi Bentevi

Quem nunca ouviu o canto do bentevi? Essa ave tão confiável, que sobrevive tão bem nas cidades, ao nosso redor, emitindo do alto de antenas de televisão o seu canto característico, que lhe valeu o próprio nome?

donde seu nome Great Kiskadee. Na Guiana Francesa interpretam seu grito como "qu'est-ce, qu'il dit?". Em alguns países latino-americanos é chamado de Cristofué. Lineu, o pai da denominação científica dos seres vivos,

Bentevi

Bentevi

Bentevi

Bentevi



Bentevi

É considerado por muitos que sobre ele escrevem, como a ave mais popular do Brasil. De fato, se levarmos em conta a diversidade de nomes que o povo lhe deu, ganharia fácil um concurso de popularidade. Em Pernambuco é chamado de bentevi-boi, bentevi-de-lenço, bem-te-vi-de-papo-amarelo, rei-dos-passarinhos! Em Roraima, bem-te-viu. Na Bahia, bem-te-vi-carrapateiro. Em Juquiá, em São Paulo, preservou-se seu nome tupi: pitangüá. Na Amazônia, triste-vida. Por que terá recebido esse nome, uma ave tão alegre? E outros ainda: bem-te-vi-de-cabeça-rajada, bem-te-vi-de-coroa, bem-te-vi-verdadeiro. A fêmea, às vezes recebe um nome particular: siririca. Alguns outros nomes também nos foram legados por nossos indígenas: pitauá, pituá, pitauá. Isto, para falar apenas de nosso país, pois por aí afora, em todos os outros lugares onde é encontrado, recebe sempre um nome do povo, sempre referente a sua voz, que cada um ouve a seu modo. Os americanos a ouvem como "kis-ka-dee",

foi quem batizou o bentevi com seu nome científico. Ao usar o nome *sulphuratus*, de sulfúrio, enxofre, chamou a atenção para o intenso amarelo que o bentevi mostra no peito e na barriga. É um frequentador assíduo dos comedouros com frutos que são colocados para as aves, onde mostra-se muito briguento, espantando as outras aves com valentia. Aliás, o nome da família de aves à qual pertence, os tiranídeos, de tirano, foi dado como referência ao comportamento belicoso e autoritário de muitos deles. Muitas vezes ataca gaviões e urubus que passam em vôo, perseguindo-os pela retaguarda e arrancando-lhes penas. Até mesmo as pacíficas garças, ou corujas escondidas em seus refúgios diurnos, são vítimas de seus ataques. O famoso cronista da vida e costumes de nossas aves, Eurico Santos, comparou o bentevi a "certos indivíduos falastrões e esparramados". Ele ainda completou que ele, "mal chega a um lugar, arma logo um alvoroço". Mas com os seus iguais mostra-se um tanto pacífico, sendo

visto frequentemente em pequenos bandos. Aqui, nosso cronista muda de opinião: "É um gosto ver-lhe a alacridade e o espírito de camaradagem com a sua gente. Quando chega um amigo, é logo recebido com evidente e transbordante alegria, batidelas de asas, empenhações de crista e uma permuta de saudações que parecem não ter fim". Em outro momento, o maior cronista de nossa natureza continua vendo o bentevi com sua dupla personalidade, de mocinho e bandido: "É o bentevi um boêmio alegre, rixento, batalhador, mas simpático por sua alacridade". Mais adiante o chamou de "afetuoso e fraterno" e, ao mesmo tempo, de "brigão indisciplinado". Não faz cerimônias com a comida. Come artrópodes variados, como besouros, mariposas, cupins e formigas em suas formas aladas, que capturam durante as revoadas. Não se amedrontam com bichos estranhos como opiliões, que levam também para os filhotes. Também

caracóis não escapam de seu forte bico. Espera pacientemente ao lado de casulos do bicho do cesto, a lagarta de uma borboleta, até que ela coloque a cara para fora e então, rapidamente a arranca de seu esconderijo para comê-la. Ajuda os criadores, comendo carrapatos em bovinos e equinos. Aprecia frutos os mais diversos, bananas, mamões, laranjas, pitangas, maçãs e uma infinidade de outros de nossas árvores nativas. É assim uma das aves que ajuda na dispersão de sementes. Come as frutinhas e depois vai, em outro lugar, regurgitar a semente, propiciando assim o nascimento de uma nova árvore. Caça lagartixas e pequenas cobras, e pesca pequenos peixes e girinos na beira de lagoas, rios, tanques

de piscicultura. No litoral, vasculha as pedras na área de arrebatção das ondas à procura de crustáceas. No chão pega minhocas e

outros bichinhos. Também restos diversos de alimentos humanos, como arroz cozido e alimentos de animais domésticos, que vêm roubar em suas vasilhas. Quando consegue acesso aos pousos de morcegos, nem a estes despreza, capturando-os em um vôo rente ao teto onde estão pousados e levando-os depois para um galho de árvores, onde os bate repetidas vezes contra o tronco, para matá-los e dilacerá-los, facilitando assim sua ingestão. Na cidade, alguns ficam acordados noite a dentro e se fartam dos insetos que são atraídos pelas luminárias. Para ter esse cardápio tão extenso, o tamanho avantajado, perante os demais membros de sua família, e o um possante bico, são dotes que sem dúvida ajudam muito o bentevi a ser esse extraordinário gourmet. Até o sábio Lineu se deixou influenciar por essa aparência, que ele achou parecida com os picanços, que são aves exóticas com costumes de aves de



Bentevi pescando

rapina, e que também caçam pequenos mamíferos e répteis, incluindo o bentevi, por engano, nessa família.

Foi acusado de ser prejudicial à apicultura, mas estudos posteriores mostraram que só come os zangões, desta forma não causariam prejuízos de fato às colméias. Mas não lhe faltam, também, bons advogados, como o Sr. Dr. João Dutra, naturalista riograndense:

"Como apicultor, já procurei certificar-me do que possa haver de verídico, nessa fama, mas nunca me foi dado constatar esse crime. Em frente a minha residência existe uma alta paineira, em cuja copada diversos casais de bentevis costumam nidificar; apesar de meu colmeal estar situado a menos de 50 m de distância, nunca vi um bentevi dele se aproximar. Em meu jardim tenho um tanque encimado por uma bacia de barro que deixa escorrer lentamente a água de um pequeno repuxo. Nas bordas dessa bacia em dias cálidos vem pousar para se desalterarem bentevis, joão-de-barro e numerosas abelhas e vespas. Pois bem, de minha janela, a 8 metros de distância, tenho observado por várias vezes a perfeita camaradagem reinante entre todos esses apreciadores da linfa cristalina. Já muitas vezes e por bastante tempo tenho ficado à espreita para constatar o flagrante, mas não consegui ainda verificar nem mesmo uma simples tentativa de caça, apesar de algumas abelhas ficarem a poucos centímetros de distância de seus pretensos inimigos". Seu apetite por carrapatos até lhe deu, na Bahia, o nome de bentevi-carrapateiro. A antiga revista "Chácaras e Quintais", dedicada às lides rurais, publicou um artigo elogiando-o: "O bem-te-vi, amigo da chácara". Mas é bom que se defenda mesmo, que reúna todas essas provas da grande faxina que faz continuamente numa variedade enorme de insetos, pois já foi ajuizada contra ele outra queixa: a de que causa grande prejuízo à piscicultura, pescando os jovens peixes. Sobre isto até já foi feito um levantamento do valor em dinheiro que por conta dele estaria sendo perdido. Será, sem dúvida um tribunal histórico! Ao lado das súzudas togas dos magistrados, se perfilarão as poucas roupas dos índios, que virão testemunhar ser o bentevi um implacável comedor de artrópodes daninhos, e que, já de longa data, antes até que aqui pusesse o pé

algum colonizador, o chamavam de "nta-churi": "mordedor de formigas". Também já foi visto pousado próximo a uma galinha com pintos, de onde voava para tomar do bico do pintinho um petisco, que a mãe tão zelosamente ciscou para ele no chão. A mesma coisa faz também com pica-paus do campo. Espera pacientemente pousado em um galho, os pica-paus arrancarem, com seus fortes bicos, algum petisco de sob a terra, para então voarem sobre eles e lhe roubarem a guloseima. Não é frequente, mas consta também em sua ficha policial que às vezes atacam ninhos de outras aves, para roubar-lhes os ovos ou filhotes, como o ninho da cambacica, que chegam a carregar para longe para abri-los mais facilmente. Há testemunhos de que até capturam beija-flores em pleno voo, aproveitando-se quando eles vêm beber água açucarada nos bebedouros!

Talvez por esse seu lado vândalo, recebeu uma certa antipatia em alguns lugares. Criou-se a respeito dele até a lenda de que teria denunciado, com seu "bem te vi", Jesus Cristo, quando procurado pelos soldados. Outra versão dessa mesma lenda, diz que a denúncia foi feita quando Jesus era menino e seus pais fugiam com ele para o Egito. Há relatos de que em alguns lugares chega a ser perseguido até por crianças, por conta dessa história. Certamente, dessa culpa ele pode ser facilmente inocentado, pois é uma ave exclusiva das Américas, e nunca pôs o pé, onde Cristo viveu!

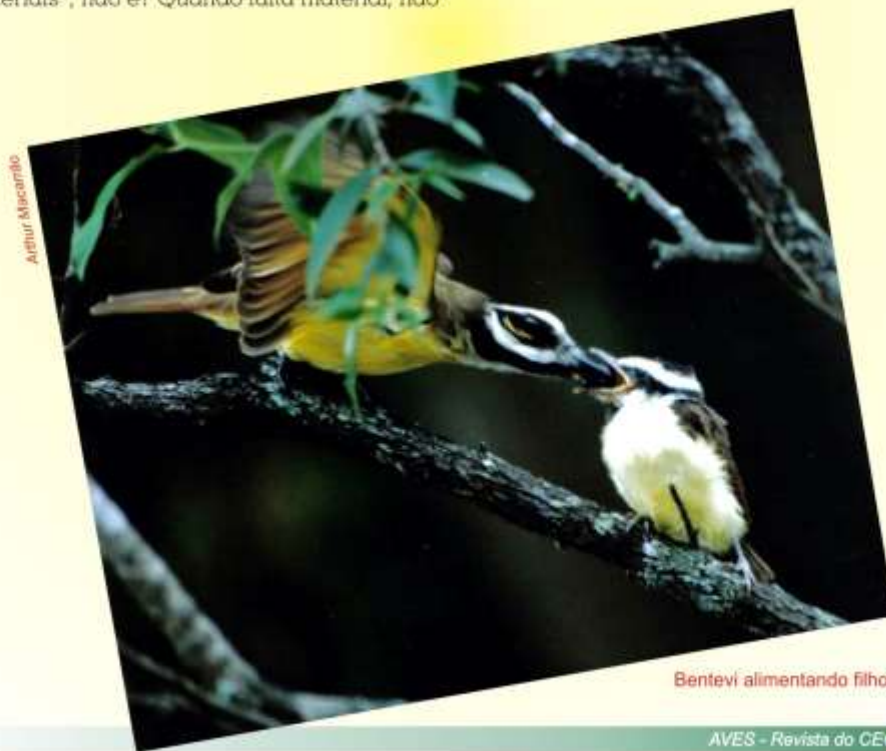
A voz tão distinta e tão insistente do bentevi não podia deixar de suscitar na imaginação das pessoas, diversos significados. No nordeste havia a crença de que, se o bentevi cantasse repetidamente, pela madrugada, em janeiro ou fevereiro, indicava a chegada do inverno. Em Cabo Frio, conta-se que, dependendo do humor do bentevi, indicaria o clima: se cantasse alegre, prenunciava sol, se cantasse triste, prenunciava a chuva. Em Mogi das Cruzes, se acreditava que o canto insistente do bentevi indicava a chegada de visitas.

Os bentevis respeitam bastante o casamento. Estão sempre juntos, e compartilham quase

todas as atividades relacionadas com a procriação. Defendem com valentia seu território, atacando e espantando intrusos que se aproximam de seu ninho, independente de seu tamanho: macacos-prego, aves de rapina, tucanos ou cobras. A despeito do chopim, que é uma ave que põe os ovos nos ninhos de outras aves, para que estas incubem seus ovos e criem seus filhotes, tentar fazer isto no ninho do bentevi, em geral tem muito pouco sucesso, pela ferrenha vigilância que os bentevis mantêm sobre ele. Ousado e destemido, apenas a cobra-coral o assusta, da qual então mantém sempre uma segura e precavida distância.

O ninho, às vezes com uma aparência desajeitada, é uma esfera, com tamanho pouco menor que uma bola de futebol, feita de capim e outros materiais vegetais secos. Na parte mais alta fica a entrada, protegida por um pequeno alpendre. Às vezes usam materiais artificiais que acham pelo chão, principalmente nas cidades, como rabadilhas de pipas, barbantes, pedaços de papel. Não deixa de ser uma forma de "reciclagem de materiais", não é? Quando falta material, não

faz cerimônia de retirá-lo de outros ninhos ainda em uso por seus donos, como da cambacica, do bico-de-lacre, ou do relógio. O ninho fica em geral na forquilha de um ramo saliente na copa de árvores, em geral isoladas no campo, sem muita preocupação em escondê-lo, ou também sobre postes de fiação elétrica. Nas cidades aproveita também os prédios, igrejas e outras construções, onde tenha algum lugar que dê suporte ao ninho. Aproveita também cavidades artificiais ou naturais, construindo seu ninho dentro delas, como cavidades em árvores feitas por pica-paus, ou até mesmo em um ninho abandonado de joão-de-barro. Põe em média 4 ovos brancos. O macho e a fêmea compartilham a tarefa de construção do ninho, mas a incubação fica a cargo apenas da fêmea. Quando os filhotes nascem, são zelosos em, logo nas primeiras horas do dia, os alimentarem bem. Pai e mãe correm atrás do alimento para a filharada com o mesmo empenho. Os ninhos abandonados do bentevi podem ser aproveitados por outras aves, como pardais.



Bentevi alimentando filhote

A variedade de alimentos por ele apreciados certamente contribui para que seja visto em variados lugares, mesmo em grandes centros urbanos, onde poucas aves conseguem sobreviver. Mas prefere os espaços abertos e ensolarados, savanas, fazendas, lavouras, pomares, beiras de rios e lagoas, bordas de matas. Praticamente só não são vistos no interior de florestas. Onde estas dominam a paisagem, se ajeitam nas beiras dos cursos d'água, nos enclaves de áreas descampadas e nas clareiras feitas pelo ser humano. No inverno, bentevis de nossos vizinhos países sulinos costumam vir para cá, passando por aqui umas férias, longe do gélido minuíano. Por ser tão popular e tão facilmente visto e ouvido, não poderia passar despercebido até para personalidades estrangeiras que visitaram nosso país. O príncipe Maximiliano de Wied, em 1826 escreveu sobre ele: "É uma ave inquieta, vivaz, curiosa e barulhenta,

a ele como arrogante, valente e poderoso. Até poetas, de outras épocas, o incluíram em seus versos:

À sombra frondosa d'enorme mangueira,
Coberta de flores, da tarde ao cair,
A virgem dos campos, morena, garbosa,
Contava ao amante meiguices a rir.

E qual uma flecha que envia o selvagem,
Uma ave num ramo, num galho pousou!...
E o jovem dizia palavras mais ternas,
E a virgem mais ternas venturas sonhou.

Depois deste beijo, talvez que o primeiro,
Não sei que mistério passara-se ali:
Cobrirá a trigueira, vexada, o semblante,
E a ave, voando, gritou: - Bem-te-vil

(O Bentevi, Melo Moraes Filho)

E também em músicas de sucesso, como em Passaredo, onde o autor da letra, preocupado com o avanço da civilização sobre a natureza, fez seu alerta às aves, recomendando a esse nosso querido, tão conspícuo e confiado personagem:

"Te esconde, bentevi".

Ficha técnica:

Nome popular: bentevi, bem-te-vi

Nome científico: *Pitangus sulphuratus*

Família: Tyrannidae

Ordem: Passeriformes

Distribuição geográfica: do sul dos Estados Unidos (Texas) à Argentina

Comprimento (da ponta do bico à ponta da cauda): 22,5 cm

Luiz Fernando de Andrade Figueiredo,
Médico sanitário, observador de aves e ornitólogo auto-didata.
Membro do Centro de Estudo Ornitológicos,
luizfigueiredo@uol.com.br



ave inquieta, vivaz, curiosa e barulhenta, assim persegue a fêmea ciosamente a gritos e por sua causa trava a miúdo, luta com seus rivais. Na época dos amores, principalmente, ouve-se, por toda a parte, a sua voz clara e sonora tic-tivi, tic-tivi, tic-tivi". Theodore Roosevelt, que foi presidente dos Estados Unidos, e que visitou nossas matas, referiu-se

Propaganda

Observadores de aves de Campinas

Paixão pelas aves. Esse foi o fator, que reuniu um grupo de pessoas da região de Campinas, SP, e fez nascer o GOAC – Grupo de Observadores de Aves de Campinas.



Sovi (*Ictinia plumbea*)

A observação de aves ou birdwatching, como é chamada internacionalmente, é uma atividade muito prazerosa e fácil de ser realizada, pois as aves podem ser encontradas nos mais diferentes tipos de ambientes. O observador só precisa de paciência e amor à natureza. Com pouco tempo de prática, já é possível contemplar e reconhecer um bom número de espécies, sem contar que o Brasil é privilegiado quando se fala em observar aves, pois temos mais de 1800 espécies que vivem aqui ou visitam nosso país periodicamente, sendo o terceiro país no mundo em número de espécies de aves.



Fiquinha-de-rabo-castanho (*Conirostrum speciosum*)

Além de atividade física, de lazer e fonte de novas amizades, os praticantes da atividade desenvolvem uma consciência ecológica que contribui com a preservação da natureza como um todo.



Bigodinho (*Sporophila lineola*)

Para o início da atividade, o observador não precisa adquirir nenhum equipamento. Basta começar a olhar de maneira diferente para seu próprio quintal, árvores do seu bairro ou parques da sua cidade.



Cambacica (*Coereba flaveola*)

Com o tempo, o observador sentirá a necessidade de observar maiores detalhes das aves, podendo então adquirir um binóculo, um guia de campo para identificação das espécies, e uma caderneta

de campo, onde deverá ser anotado o maior número de detalhes sobre as ocorrências do dia, como por exemplo, as espécies observadas, a data e hora das observações, o clima daquele dia, o que a ave fazia na ocasião da observação, etc.



Coleirinha (*Sporophila caerulea*)

A observação de aves pode ser feita sozinho ou em grupo. Neste caso, o observador tem a vantagem de poder tirar dúvidas com os outros integrantes do grupo, trocar experiências e desta forma ir aos poucos aumentando seu nível de conhecimento.



João-de-barro (*Furnarius rufus*)

Foi pensando desta maneira que surgiu o GOAC, em 2 de setembro de 2007. O grupo é formado por estudantes e profissionais de diversas áreas, como analistas de sistemas, biólogos, engenheiros, físicos, fotógrafos, professores, etc. e hoje conta com mais de 20 membros. "No começo, nosso

contato era via internet, mas a vontade de reunir as pessoas que compartilhavam o mesmo interesse foi muito grande, e assim fundamos o grupo" diz Carlos Henrique membro do GOAC.



Observadores de aves do GOAC em ação

O pessoal do GOAC realiza periodicamente saídas a campo, visitando parques urbanos e áreas rurais, lugares onde seja possível encontrar boa quantidade de árvores, rios e lagoas, sempre em busca do contato com a natureza, e é claro em busca de novas espécies de aves.



Estrada Distrito Souza

Entre os lugares visitados regularmente pelo GOAC em Campinas estão os distritos de Sousas e Joaquim Egídio, a região da subestação de Furnas, Parque Ecológico e Lagoa do Taquaral.

Distrito Joaquim Egídio



O grupo também realiza viagens para outros lugares em busca de novas observações. O GOAC já esteve no Parque Estadual Intervales, Serra do Japi, Parque Nacional de Itatiaia, fazendas no município de Pardinho e Floresta Nacional de Passa Quatro.



Tesoura-do-brejo (*Gubernates yetapa*)

permitindo grande aproximação de pessoas, os coleirinhos (*Sporophila caerulescens*) e bigodinhos (*Sporophila lineola*), vorazes comedores de sementes de capim, além de espécies com maior dificuldade de observação, como por exemplo, o tesoura-do-brejo (*Gubernates yetapa*), figuinha-do-crisso-castanho (*Conirostrum speciosum*) e sovi (*Ictinea plumbea*).

Há somente uma ressalva quanto à prática do Birdwatching, cuidado....isso pega....você não vai querer nunca mais deixar de observar as aves!

Jefferson Otaviano e Jefferson Silva
GOAC - goac.multiply.com

Fazenda em Campinas

Desde sua criação até hoje, foram mais de 200 espécies de aves observadas (através do contato visual ou simplesmente pelo som da ave) pelos membros do GOAC na cidade de Campinas.

e a cada novo registro, é sempre uma felicidade imensa. Dentre as aves já observadas na cidade, podemos citar o simpático e popular João-de-barro (*Furnarius rufus*), a ousada e "sem-vergonha" cambacica (*Coereba flaveola*) que vive a frequentar bebedouros de beija flores,

Observar é para quem enxerga mais longe

Concurso Fotográfico revela caminhos na observação de aves

A observação de aves tem crescido muito no Brasil. Deixou de ser uma atividade praticada por ornitólogos, cientistas e devotos observadores para ser uma atividade de lazer que mobiliza cada vez mais o público comum. Prova disso é a grande receptividade de iniciativas como a do Concurso Avistar Itau BBA de Fotografia, que recebeu 7383 inscrições em sua edição 2008.

está ligada a nossa facilidade em lidar com as novidades.

Claro que a facilidade em registrar e discutir posteriormente com os amigos ajuda a difundir a prática e aumenta a realização de quem registra e depois identifica. Claro que isso proporciona que os sites de maior interesse dos observadores de nova geração sejam o Flickr e o Aves.Brasil.



Sai-de-perna-amarela (*Cyanerpes caeruleus*)



Caramujeiro (*Rostrhamus sociabilis*)

Isso mostra também que o observador de aves brasileiro pratica fotografia de aves antes mesmo de começar a observar, ao contrário do que acontece na Europa e USA. Aparentemente somos mais atraídos pelas câmeras que pelos binóculos. Essa inversão do padrão estabelecido encontra similaridades com a história da internet no Brasil e

A grande quantidade de fotos inscritas no Concurso oferece uma visão privilegiada dos caminhos da observação fotográfica das aves. Muitas fotos são feitas no quintal, muitas na janela, outras tantas na fazenda. Chama a atenção a quantidade de fotos feitas em destinos turísticos como o Pantanal, Foz do Iguaçu e Fernando de

Noronha. Mais interessante ainda é que em lugares restritos como Fernando de Noronha, a maioria das fotos são feitas no mesmo mirante, mostrando provavelmente o mesmo ninho do mesmo passarinho.

A coruja buraqueira é a campeã de fotogenia no Avistar. Com muito mais fotos que o segundo lugar a buraqueira mostra que sua cabeça giratória, seus hábitos, conspiciência e beleza, chamam a atenção e atraem os fotógrafos. Sua alta popularidade deveria ser usada como atrativo para a prática de observação.

Também chama a atenção a falta de fotos de aves de gaiola. Talvez porque estejam extintas, ou quase, na natureza. Mais provavelmente porque quem tem olhos para aves engaioladas não costuma fotografar.

Guto Carvalho
Associado do CEO e
Organizador do Concurso
Avistar Itau BBA de fotografia



Maria-faceira (*Syrigma sibilatrix*)



Choquinha estriada (*Myrmotherula surinamensis*)

Lista das Aves Fotografadas para o Concurso AVISTAR - ITAU 2008

Aves não identificadas 2734

Espécies identificadas 653

1 coruja-buraqueira.....211	11 urubu-de-cabeça-preta.....63	21 biguá.....40	31 beija-flor-verde.....34
2 quero-quero.....114	12 arara-canindé.....62	22 rolinha-cinzenta.....39	32 caracará.....33
3 bem-te-vi.....105	13 arara-azul-grande.....58	23 anu-branco.....38	33 gaivota.....31
4 tucano-grande-de-papo-branco.....102	14 tucano-de-bico-verde.....55	24 pombo-doméstico.....38	34 atobá-pardo.....29
5 Desconhecida.....98	15 beija-flor-tesoura.....32	25 pardal.....36	35 socozinho.....28
6 garça-branca-grande.....85	16 garça-branca-pequena.....52	26 papagaio-verdadeiro.....36	36 beija-flor-de-veste-verde.....26
7 canário-da-terra-verdadeiro.....75	17 tuiuiú.....51	27 tico-tico.....36	37 tucano-de-bico-preto.....26
8 sabiá-laranjeira.....70	18 joão-de-barro.....50	28 pica-pau-do-campo.....36	38 rolinha-roxa.....26
9 gaivota-de-rabo-preto.....67	19 lavadeira-mascarada.....44	29 urutau-ferrugem.....36	39 tucanucu.....25
10 arara-vermelha-grande.....66	20 seriema.....40	30 cambacica.....34	40 pomba-de-bando.....25

Total de fotos : 4649

Digiscoping

Digiscoping é uma técnica de fotografia que consiste em acoplar qualquer modelo de câmera fotográfica digital compacta ou DSLR a uma luneta terrestre.

Câmera digital compacta é um tipo de câmera com lente fixa e zoom óptico/digital que possibilita a aproximação do objetivo no ato do clique. A DSLR cuja sigla em inglês significa Digital Single Lens Reflex é uma câmera digital que tem o corpo separado da lente e um tipo de lente para cada uso específico, a lente equivalente à luneta é a tele-zoom.

compacta, não precisa ter um zoom potente, não se usa mais do que zoom 3 ou 4, quando o zoom é inferior a três vezes, é produzido o efeito de vinheta, representado na foto. Quando o zoom é maior do que 4 se limita o campo de visão. O importante na fotografia com digiscoping é a resolução das imagens. Quanto mais megapixels, superior é a qualidade das fotografias.

A técnica foi desenvolvida por Lawrence Poh em 1999, um observador de aves da Malásia que uniu uma câmera fotográfica digital (Digi) a uma luneta



Cambacica (*Coereba flaveola*)

Com o digiscoping se obtém resultados bastante eficazes com relação à aproximação, por exemplo: se usarmos uma câmera digital compacta no zoom 4, equivalente a uma lente DSLR de 150mm e a luneta com 20X de aproximação, isso corresponde aproximadamente a uma lente DSLR, se existisse, de 2.400mm. A qualidade das imagens depende do equipamento. Uma luneta com diâmetro de objetiva de 100mm produzirá imagens mais claras e nítidas. Lunetas de baixa qualidade produzem imagens com aberração cromática. Simplificando, aberração cromática é um tipo de sombra colorida em torno do objetivo na fotografia. A câmera digital

terrestre (Scope), desde então a técnica tem sido usada para fotografia de aves. A cada dia que passa mais e mais pessoas se interessam pelo digiscoping. Recentemente até telefone celular com câmera embutida tem sido usado para este fim. Onde vai parar esse digiscoping?

O meu principal conjunto é bastante simples e clássico, é baseado nos primeiros equipamentos de digiscoping. Uso uma Nikon Coolpix modelo 995 de 3.9 megapixels e uma luneta terrestre 20x60x60mm. A Nikon Coolpix 995 tem vantagens com relação às câmeras atuais por ter o corpo giratório, a lente rotaciona, isso facilita fotografar



Beija-flor-de-papo-branco
Leucochloris albicollis

fotografar um pássaro que esteja acima de você. Tem outras vantagens como o zoom interno, a objetiva da câmera não encosta na lente da luneta, e a rosca externa para acessórios. Isso ajudou no desenvolvimento de um adaptador de alumínio que se aparafusa na câmera e é preso por um anel à luneta.



Luneta - Digiscoping

Uso também um cabo propulsor preso por um suporte de alumínio à câmera, isso evita que mínimos movimentos, como o de apertar o botão do clique estraguem a foto. Parte essencial do conjunto é o tripé, quanto mais robusto e forte melhor. Se for um tripé leve, será necessário desenvolver uma placa de

equilíbrio para centralizar o peso da luneta e câmera sobre o tripé, isso dá mais sustentação e firmeza ao conjunto. Utilizo o visor ocular e a mira como acessórios. O visor ocular é acoplado ao monitor de LCD da câmera impedindo os reflexos que atrapalham o foco da imagem e aumenta em duas vezes o tamanho da imagem visualizada. O sistema de mira encurta o tempo de localização da ave ou objetivo a ser fotografado, é bem prático.



Verão (*Pyrocephalus rubinus*)

As fotos da cambacica e do beija-flor-de-papo-branco foram feitas com o conjunto descrito acima. A distância ideal para fazer uma boa fotografia de um pássaro com o tamanho de uma cambacica é de aproximadamente dez metros. Não é possível fazer fotos com o objetivo a menos de seis metros.

Utilizo um segundo conjunto com câmera Sony DSC-L1, adaptador caseiro e a mesma luneta. A vantagem do uso com esta câmera é que além da fotografia, pode-se usar o recurso da filmagem. As fotos do verão e da corujinha-do-mato foram feitas com este conjunto.

Nas lojas especializadas existe outro tipo de adaptador, que é o universal e se acopla em qualquer câmera e qualquer luneta. Ainda podem ser encontrados kits para digiscoping prontos, no qual só a câmera não está inclusa no conjunto. Para as câmeras DSLR a

Propaganda



Mesmo com a dificuldade de carregar os equipamentos em campo, perder fotos e mais fotos por não conseguir fazer o foco antes que o pássaro se movimente ou por ele estar próximo demais, o digiscoping acabou virando uma paixão e em uma ou outra expedição fotográfica acabo levando o meu conjunto.

Carlos Henrique Luz Nunes de Almeida
Designer Gráfico, membro do Grupo de Observadores de Aves de Campinas (GOAC).
40 anos, reside e trabalha em Campinas - SP.
Tem como hobby a fotografia de aves.
www.carduelis.bio.br



Corujinha-do-mato (*Megascops choliba*)

Carlos Henrique

Aves do meu Jardim

Tenho o privilégio de morar num bairro bem arborizado mas, infelizmente, com a construção dos condomínios horizontais, as antigas árvores são derrubadas e não são substituídas por outras. Os novos projetos paisagísticos são pobres em vegetação nativa e variada, importantes para a avifauna e o solo perde sua permeabilidade com a construção de garagens subterrâneas.

Moro numa casa construída pelo meu avô em 1953, em um terreno grande no Brooklin Velho onde meu pai, um amante da natureza, plantou nos anos seguintes várias árvores, mangueiras, pitangueiras, abacateiros, araucárias e grumixamas.



Quando me mudei, há vinte anos, continuei plantando outras espécies como jabuticabeiras, jangada do campo, goiabeira, bananeiras e aroeiras, tornando o meu jardim um lugar bem atrativo para as aves. Há doze anos comecei a oferecer frutas, como maçã, banana, laranja e mamão e também sementes de girassol, painço e milho triturado. O resultado é que tenho hoje registradas 58 espécies de aves nativas e quatro exóticas que frequentam o meu jardim, algumas só no verão e outras só no inverno.



Sabiá-coleira
(*Turdus albicollis*)

Com a falta de árvores e outros lugares adequados para corujas, pica-paus e periquitos construírem seus ninhos, resolvi fazer alguns de madeira. Com a ajuda de vizinhos consegui colocar seis espalhados pelo bairro.



Infelizmente a experiência não deu certo. Tentei mais de uma vez, mas os ninhos foram todos ocupados por abelhas, dando muito trabalho aos técnicos apicultores na retirada dos mesmos. Em um dos ninhos o pica-pau-de-cabeça-amarela ficou bem interessado, visitando-o várias vezes mas acabou expulso por um gambá que ali criou seus filhotes.



Pica-pau-de-banda-branca (*Dryocopus lineatus*)

Nunca mais vi gambás por aqui. Acho que estão extintos no bairro, o que é uma boa notícia para as aves pois os gambás são predadores de ovos.



João-velho (*Celeus flavescens*)

Um pouco mais afastado da casa tenho outra banheira, um prato de vaso de planta, onde as aves mais arredias costumam descer, são as asa-brancas, periquitos-ricos, bem-te-vis e rolinhas.



Tenho alguns problemas com gatos, já que minha cachorra Malibu, com 14 anos, não corre mais atrás deles e até ficou amiga de um que acabei adotando. Tenho tentado treinar o gato, Mustafá, a não caçar as aves, ele sabe que não pode chegar perto dos comedouros, acho que já é uma vitória. O melhor mesmo seria não ter o gato, pois além de espantar as aves ele atrai outros gatos do bairro. Mas ter um gato também significa não ter ratos. Como ofereço frutas e sementes, por mais que mantenha limpos os comedouros, eles sempre aparecem. São caçados pelas coruja-do-mato e coruja-orelhuda, que junto com os gatos mantêm estes bichos longe de minha casa.



Em doze anos de observações no meu jardim acabei conhecendo algumas aves individualmente pelo canto, porte, coloração e manchas, e fico triste quando de repente elas não aparecem mais.

As aves já estão bastante acostumadas e, logo cedo, pela manhã, já estão pousadas nas árvores à espera das frutas e sementes.

Notei que aos domingos a quantidade de aves que frequentam o meu jardim é menor. Concluí que, provavelmente, nos fins de semana outras pessoas também ofereçam alimento, uma vez que estão em casa curtindo seus jardins, o que faz com que as aves se dispersem.

O outono e inverno são as épocas do ano quando noto a maior variedade de espécies. Não sei exatamente a razão, mas acredito que as aves estão procurando outras fontes para se alimentar ou migrando e o meu jardim é um bom lugar para descansar e matar a fome. De todas as aves que apareceram em meu jardim, a que mais me surpreendeu foi o tiê-sangue, que visitou o comedouro durante três dias, desaparecendo depois. Até então, eu só tinha visto essa espécie no litoral de São Paulo.



Esses convidados muito especiais trazem cantos, cores, vida e alegria ao seu jardim.

As aves exóticas que têm aparecido, com certeza, são fugitivas de casas do bairro. Descobri, conversando com vizinhos, que infelizmente a grande maioria tem alguma

espécie de ave em gaiola como papagaios, tucanos, araras, calopsitas, periquitos, canários e outros, nativos ou exóticos.

Uma ave exótica muito linda que frequentou o meu jardim por mais ou menos quatro anos foi uma myna (*Gracula religiosa*), de origem asiática, toda manhã vinha cantar na janela do meu quarto. Este ano apareceu uma rolinha-de-coleira (*Streptopelia decaocto*) que junto com outras rolinhas (*Columbina talpacoti*), asa-brancas (*Patagioenas picazuro*) e periquitos-ricos (*Brotogeris tirica*) vêm se alimentar com as sementes que ofereço.

O meu interesse por aves vem desde os tempos de criança quando costumava passar as férias numa fazenda e, lembro bem, ficava ouvindo a seriema cantando ao longe no pasto. Hoje tenho este pequeno paraíso que é meu jardim com as aves que o frequentam.

June Lorraine Rodrigues Alves
Centro de Estudos Ornitológicos
juneralves@uol.com.br

Propaganda

O canto do cafezal

Daniel De Granville



Periquito-rico (*Brotogeris tinca*.)

Não vou mentir, sou da cidade. Tive televisão, vídeo game e acesso ao computador ainda jovem, bem mais cedo do que qualquer um de minha idade. Mas fortuitamente privava-me da “caixa de luz” espontaneamente. Preferia a lama do quintal e as brincadeiras de rua, pega-pega, esconde-esconde, mãe-da-mula, rio-vermelho entre outras inventadas que preenchiam meu dia. Da turma da rua eu era o mentor intelectual, aquele que inventa as histórias de aventura mais absurdas, os roubos mirabolantes do “polícia e ladrão” e os namoros secretos dos devaneios infantis. Mas quando estava só é que minha mente realmente flutuava.

Empoleirado na goiabeira nos fundos de minha casa passava horas e às vezes o dia perdido numa selva com animais ferozes ou por ilhas desertas desbravando o desconhecido e sobrevivendo em meio à natureza.

O meu quintal era um paraíso particular, eram três amoreiras que manchavam as roupas com tinta carmesim, uma goiabeira que era praticamente extensão do meu quarto, um abacateiro enorme que sombreava todo o quintal. Havia também uma parreira de chuchu que era minha cabana, um pé de uvalha que na época eu chamava de orvalho, dois pés de urucum e um pé de pitanga. Todo esse recital de frutos, cravado no meio da zona leste da capital paulista, era circuncidado por alfaces, pimentas, tomates e outros vegetais e flores cuidadosamente regados pelo zelo de meu pai. Com tanta comida, eram muitos meus amigos alados também.

Nas férias as viagens sempre envolviam sítios e fazendas e quando não havia amigos, as aventuras ficavam ainda mais “perigosas”. Eu seguia sorrateiramente os rastros de formigas, pegadas de coelhos, capivaras, e até encontrava lagartos, cobras e sapos mas adorava mesmo era ouvir e observar as aves. Havia um canto em especial que me atraía, ele vinha do cafezal e por vezes ao assoviar a mesma melodia recebi a resposta daquele pássaro misterioso.

Muitos anos se passaram e o cenário cinzento da cidade afogou o intrépido aventureiro que agora, vivia em seu emaranhado de bits navegando por vias congestionadas, desviando-se de motoqueiros alucinados na fumaça da rotina. Contentava-me com os

documentários da Discovery. Mesmo assim, quando em férias no sítio da família, ainda fugia do mundo virtual para contemplação do mundo natural real.

Um dia, em um estalo repentino, saí ao mato e decidi fotografar os pássaros do sítio. Assim mesmo, sem explicação, decidi e fui. Adormecido pelos anos de concreto meus olhos e ouvidos abriram-se novamente e senti-me aceso como quando criança. Apreciando os cantos melodiosos e redescobrimo as cores dos seres que nos galhos secos nidificavam percebi que mesmo após tantos anos hibernando, era aquilo que me dava prazer. Foram dias de alegria observando as aves multicolores. Apenas lamentava não as conhecer pelo nome. Dediquei-me então em entendê-los um pouco mais.

Foi aí que encontrei os praticantes desta seita alternativa. Converti-me imediatamente. Somos todos iguais e com roupas camufladas, falamos baixo no berço das matas e perseguimos aves pelo prazer de vê-las. Consumimos tecnologia e livros sobre o assunto. Não importa o clima, o local, ou o pássaro, estamos lá e queremos vê-los, fotografá-los, achá-los. Encontrei pessoas com conhecimentos encantadores que não temem transpô-los aos novos fieis como eu. Catequizado pelos mais experientes seguidores tornei-me um ávido aprendiz. De repente eu era peça do organismo do meio ambiente, olhava de dentro para fora e minha percepção e conduta no cotidiano foram alteradas.

Assim, pouco a pouco, fui descobrindo as maritacas e periquitos que sobrevoavam meu apartamento. Percebi que não eram apenas bem-te-vis e pardais, eram suiriris, sanhaços e tiés. Inundei-me de satisfação ao ver um tucano em pleno voo e regozijei-me com o vislumbre de uma arara se alimentando. Vibrando ao identificar

esquívos pitiguaris, viajantes maçaricos e imponentes gaviões, segui minha jornada em busca de mais um registro. E por mais que eu aprenda, sempre algo novo aparecerá, surpreendendo até os mais experientes mestres. Em cada território, um novo desafio, um novo som, uma nova espécie. Finalmente descobri que o canto do cafezal era na verdade o canto do tico-tico. Mas quando finalmente eu desvendar todas as espécies dos meus territórios, um novo voo misterioso vai surgir em alguma copa e serei compelido a buscá-lo, infinitamente.



Tico-tico (*Zonotrichia capensis*)

Eric Gallardo

Formado em Propaganda e Marketing com especialização em Gestão de Sistemas de Informação. Trabalha com projetos no setor literário. Casado, 29 anos, participa em comunidades evangélicas como instrumentista e artista. Observador e fotógrafo de aves.

Sobre carvalhos e grou

No sudoeste da Espanha, vizinha a Portugal, a Extremadura é uma das regiões mais especiais na Europa e um dos principais destinos para bird-watchers em todo o continente. Um dos habitats mais típicos são as **dehesas**, pastagens arborizadas que se tornaram um dos principais refúgios para espécies ameaçadas como a águia-imperial-ibérica (*Aquila adalberti*) e o abutre-negro (*Aegypius monachus*).

As **dehesas** são a fonte de produtos que fazem a alegria de quem gosta de uma boa mesa, como **quesos extremeños**, **jamonos de belota**, **terneras extremeñas** e **lomos de ciervo**. A pecuária extensiva em pastagens sombreadas característica da região é uma interessante forma de uso da terra que compatibiliza retorno econômico com conservação da biodiversidade, do solo e dos recursos hídricos, e poderia servir de

Fábio Olimas



Grou (*Grus grus*) - Puerto Mejoral

Velhos carvalhos pontilham o terreno ondulado coberto de flores silvestres onde antigas raças de gado, incluindo os **toros de corrida**, e carneiros pastam junto a simpáticos porcos negros que procuram comida ao ar livre e chafurdam em pequenos brejos. Aves nativas, que incluem uma diversidade notável de rapinantes e muitos migrantes vindos do norte da Europa, além de mamíferos como cervos e raposas compartilham o habitat com o gado. De fato, este sistema de criação extensiva sustenta as populações mais saudáveis de abutres - como *Gyps fulvus* - em toda a Europa.

inspiração para pecuaristas no cerrado do Brasil.

Os carvalhos que dominam as **dehesas** são as **encinas** *Quercus ilex rotundifolia* e os **alcornoques** *Quercus suber*, estes famosos por produzir a valorizada cortiça. Os carvalhos são um grupo caracterizado pela produção de enormes quantidades de frutos com sementes de alto conteúdo nutricional. O esforço faz com que as árvores só frutifiquem a intervalos de 2 a 4 anos, mas sempre há árvores frutificando a cada ano. Estas **bellotas** podem cobrir o chão sob as árvores e são uma abundante fonte de alimento que pode ser utilizada por humanos. De fato, em algumas partes do mundo as **bellotas** (ou **acorns**) já foram um dos itens principais da

Propaganda

dieta local, mas na Extremadura atual elas são a matéria-prima de excelentes licores e engordam porcos ibéricos que são a matéria-prima de fantásticos *jamones*.

As *bellotas*, obviamente, são procuradas por vários animais selvagens, de roedores a javalis. E por aves. São a razão da Extremadura exibir alguns dos mais belos espetáculos da vida silvestre na Europa.



Grou (*Grus grus*) - Puerto Mejoral

Todo outono os grou *Grus grus* que nidificam nos pântanos da Escandinávia migram para suas áreas de invernada, e algumas das mais importantes estão na Espanha, onde mais de 50 mil aves podem se congregam em alguns locais antes de se dispersarem pela paisagem. O principal alimento dos grou durante sua estadia ibérica são exatamente as *bellotas*, complementadas por grãos, sementes e pequenos animais.

Grou são um grupo de aves que, onde quer que ocorram, tocam as pessoas. Basta olhar mitos e pinturas japonesas, chinesas, persas e hindus, o festival anual no lago Hornborga (Suécia), onde pessoas vão observar milhares de grou dançando, e às vezes dançar com eles, e o dinheiro bem gasto na recuperação do Whooping Crane norte-americano *Grus canadensis*.

Um dos melhores locais para observar grou na Espanha é na vila de Puerto Mejoral, onde a crista da Sierra de Tiros é mais baixa do que nas áreas próximas e facilita o trânsito dos bandos de grou que cruzam as colinas indo e

vinho entre as *dehesas* ao sul, onde procuram comida, e os lagos das represas ao norte onde passam a noite.

Visitei a região em fevereiro de 2008 com o objetivo primeiro de observar os grou, e minhas expectativas foram totalmente satisfeitas. A cada manhã, 10 ou 20 minutos após o sol surgir no horizonte, e a cada tarde, cerca de meia hora antes de escurecer, grupo após grupo de grou sobrevoava Puerto Mejoral, às vezes mais alto, às vezes muito baixo. Muitas vezes, especialmente de manhã, os grou passam vários minutos circulando até atingir altitude suficiente para ultrapassar a crista da Sierra.

Além de ver grou em voo é possível ver grupos familiares e pequenos bandos nas *dehesas* e campos de cereais de toda a região. Encontramos nossos primeiros grou pousados nas *dehesas* ao redor de *Cancho Roano*, um sítio arqueológico nas proximidades de *Zalamea de La Serena*. O lugar é sítio de um antigo templo, um dos melhores testemunhos da pouco conhecida civilização de *Tartessos*, utilizado até o 6º século AC. Algumas dezenas de grou, divididos em grupos onde famílias com um par de adultos e um juvenil eram facilmente identificadas, procuravam comida na sombra de *alcornoques* dispersos em um campo cultivado.

O interesse da área não se restringe aos grou. As planícies que estes sobrevoam, ao norte da Sierra, são parte das Estepas de La Serena, uma das principais áreas remanescentes de estepes na península ibérica, onde é possível encontrar espécies típicas deste habitat como as duas abertadas (*Otis tarda* e *Tetrax tetrax*) e os dois cortiços (*Pterocles orientalis* e *P. alchata*) locais, complicadas cotovias e calhandras (*Calandrella brachydactyla*, *Melanocorypha calandra* e as belas *Galerida cristata* e *C. theklae*), cucos-rabilongos *Clamator glandarius*, perdizes *Alectoris rufa*, picaços *Lanius excubitor*, e enormes grupos de migrantes como *Pluvialis apricaria*, *Vanellus vanellus*, *Fringilla coelebs*, *Carduelis cannabina*, *C. carduelis*, *Serinus serinus*, *Passer domesticus* e *P. hispaniolensis*. Sim, eu gosto de pardais.

A Sierra de Tiros é freqüentada por aves de rapina e ali observei águia-real *Aquila chrysaetus*, *buitres leonados* *Gyps fulvus* e águia-de-asa-redonda *Buteo buteo*. Embora a maioria dos *bird-watchers* que visitam a área prefira se hospedar na cidadezinha de *Castuera*, optamos por ficar na minúscula vila de *Benquerencia La Serena*, a 5 minutos de carro de *Puerto Mejoral*. Construída na encosta da *Sierra* e sob a guarda das ruínas de um castelo medieval, além do cenário pitoresco o local nos ofereceu espécies interessantes como *Upupa epops*, *Phoenicurus ochruros* e *Monticola solitarius*, além dos ninhos de cegonha *Ciconia ciconia* sobre a igreja local.



Grou nas *dehesas*

A escolha também se mostrou acertada em termos de hospedagem. La Panaderia, um misto de pub e hotel, revelou-se uma ótima opção em termos de conforto, comida e preços razoáveis. E com localização perfeita para explorar a região, tanto as estepes como as *dehesas* próximas.

Embora fora do circuito habitual dos brasileiros que viajam à Espanha, Puerto Mejoral merece uma visita, que pode ser combinada com locais de especial beleza não muito distantes dali, como a Sierra de Villuerca (onde está Guadalupe) e outros

mais conhecidos dos observadores de aves, como o Parque Nacional de Monfragüe (paraíso das aves de rapina) e a região de Trujillo e Cáceres (as estepes mais importantes da Europa). Além de aves fantásticas o visitante certamente não esquecerá do bom vinho, da boa comida e do belo patrimônio histórico das cidades e vilas da região.

Uma viagem para observar grou e outras aves na Extremadura pode ser feita pelo viajante independente e, de fato, é como a maioria dos observadores de aves visita a região. Além de levar uma luneta (muitas espécies são ariscas), um guia com roteiros e

dicas é recomendável. O The Nature Guide to Extremadura – Spain, publicado pela Crossbill Guides, foi muito útil, assim como Where to Watch Birds in Spain, da Lynx Edicions. Ambos ajudaram no planejamento da viagem e em localizar sítios que, de outra forma, passariam despercebidos.

Fábio Olmos
Biólogo, membro do Comitê Brasileiro de Registros Ornitológicos.
www.cbro.org.br

Aves ameaçadas no Brasil e sua conservação

O Brasil é um dos países com maior diversidade de aves do mundo. Temos em torno de 1800 espécies de aves diferentes vivendo em nossas florestas, cerrados, campos, banhados e zonas costeiras. As aves têm um grande valor econômico, ético e cultural para povos em todo o mundo. Desde a domesticação da galinha que ocorreu há 5000 anos atrás, passando pelo grande valor espiritual que as aves representam para algumas tribos na África e atuando como fontes de inspiração para muitos artistas. Resumindo, as aves estão presentes em nosso dia-a-dia por milênios. Você já parou para pensar nisso? Por que as aves e não os mamíferos, répteis ou anfíbios?

de pessoas são associadas a uma organização de conservação de aves (RSPB - The Royal Society for the Protection of Birds).



Saira-apunhalada (*Nemosia rourei*)

As aves são também fundamentais para as ações e políticas de conservação de áreas naturais pois se caracterizam como ótimos indicadores ambientais. Além disso, prestam importantes serviços ambientais, como a dispersão de sementes (levar as sementes para lugares distantes da planta-mãe, evitando desta maneira a competição por nutrientes), a polinização (este é o processo de fecundação das plantas, onde a ave leva em seu bico o pólen até outra flor) e controle populacional de outros seres vivos. Todos estes fatores contribuem para a manutenção dos ecossistemas e da biodiversidade, uma vez que, tirando qualquer parte desta cadeia (desde um protozoário até uma onça), alguma função ambiental deixa de ser cumprida, causando um desequilíbrio que no final do processo refletirá em nossas vidas.



Gravatazeiro (*Rhopornis ardesiacus*)

Belas e inspiradoras, com uma grande diversidade de cores, formas e sons e, especialmente, fáceis de serem observadas, as aves adquiriram grande popularidade em suas relações com os humanos. Por este motivo, a atividade de observação de aves é muito difundida em alguns países, como por exemplo, no Reino Unido onde mais de 1 milhão

Existem cerca de 9000 espécies de aves em todo o mundo sendo que 20% deste total ocorre no Brasil. Por isso, somos o terceiro país no ranking de maior quantidade de espécies, atrás apenas da Colômbia e do Peru. Por outro lado e infelizmente, somos o primeiro em número de espécies ameaçadas globalmente, com 122 espécies, o que representa cerca de 10% do total de aves ameaçadas no planeta.

Tendo em vista todos os serviços ambientais prestados pelas aves, o grande número de espécies ameaçadas e os grandes desafios para a conservação existentes no Brasil (queimadas, caça e tráfico de animais silvestres, substituição de ambientes naturais por pastos ou lavouras, corte seletivo de madeira, entre muitos outros), a aliança BirdLife International (www.birdlife.org) iniciou um Programa no país em 2000, após identificar a necessidade de ações imediatas em determinadas áreas para evitar a extinção de espécies de aves criticamente ameaçadas. Foi criado então o Programa do Brasil da BirdLife International que mais tarde, em 2004, deu origem à Sociedade para a Conservação das Aves do Brasil - SAVE Brasil, representante oficial da BirdLife no país.



Acrobata (*Acrobatornis fonsecai*)

A SAVE Brasil tem como missão conservar as aves, seus habitats e a biodiversidade em geral, trabalhando com as pessoas o uso sustentável dos recursos naturais. Seguindo a estratégia global da BirdLife International, a SAVE Brasil mapeou, em parceria com a Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul,

163 Áreas Importantes para a Conservação das Aves (Important Bird Areas - IBAs) em 15 estados do domínio da Mata Atlântica (do Piauí ao Rio Grande do Sul, incluindo Minas Gerais). Esse estudo resultou no lançamento do livro Áreas Importantes para a Conservação das aves no Brasil - Parte I Estados do Domínio da Mata Atlântica. Apesar de focar o bioma Mata Atlântica, o trabalho levou em consideração a totalidade do território de cada estado, incluindo assim áreas de Caatinga, Cerrado e Pampa.



Limpa-folha-do-nordeste (*Philydor novaesi*)

Um Recorde infeliz
O Brasil é o nº 1 do mundo
em espécies de aves
ameaçadas



Pintor-verdadeiro (*Tangara fastuosa*)

Dentre as 163 IBAs identificadas, algumas áreas são consideradas insubstituíveis por conterem uma ou mais espécies que estão na iminência de desaparecer. Por esta razão, a SAVE Brasil identificou áreas prioritárias para atuação. Nessas áreas ocorrem algumas das aves mais ameaçadas do planeta, entre elas o mutum-do-sudeste, gravatazeiro, acrobata, veste-amarela, limpa-folha-do-nordeste, o pintor-verdadeiro e a

saíra-apunhalada. Aguarde as próximas edições para saber um pouquinho mais sobre cada uma das espécies ameaçadas de nosso país!

Tatiana Pongiluppi
Bióloga, observadora de aves e assessora em
educação ambiental da SAVE Brasil.
tatiana.pongiluppi@savebrasil.org.br
www.savebrasil.org.br



O periquito-rico, *Brotogeris tirica*, é a ave símbolo da logomarca da SAVE Brasil. Seu nome quer dizer periquito pequeno com voz humana.

Brotogeris vem do grego brotogerus, onde brotos = homem e gerus = voz ou fala. Tirica, do Tupi, quer dizer "periquito pequeno". A SAVE

Brasil escolheu o periquito para ilustrar a sua logomarca por ser uma das aves mais comuns na cidade de São Paulo, fácil de ser observada e

com um grande carisma. Eles são muito vistosos, e chamam a atenção por fazerem uma grande algazarra. É uma ave endêmica da Mata Atlântica e está entre as mais tolerantes às pressões antrópicas, sendo encontrada com frequência em grandes centros urbanos. Faça um exercício no jardim de sua casa ou em um parque! Quando ouvir a folia dos periquitos, tente encontrá-los e contar quantos fazem parte do grupo. A bagunça é tanta que imaginamos serem muitos, mas logo percebemos que é um grupo pequeno. Divirta-se!



Pedro Dreveloy

Propaganda

Fotografando Aves

Fui apresentado ao mundo das aves quando ainda garoto, durante as viagens que fazia com minha família para pescar no interior de São Paulo. Enquanto esperava o peixe beliscar, ficava observando e ouvindo as aves que estavam ao meu redor.

O tempo foi passando e as pescarias foram diminuindo, assim como o contato que eu tinha sempre com a natureza, pois a escola e o trabalho tomavam quase todo o meu tempo. Mesmo morando distante do mato, meus olhos e meus ouvidos já estavam treinados e prontos para notar qualquer ave que estivesse por perto.

Depois de casado acabei me mudando para uma região mais arborizada na zona sul da cidade de São Paulo e foi aí que tomei a melhor decisão da minha vida: me tornar um fotógrafo especializado em fotografias de aves na natureza.

Depois de muitas pesquisas e observações, eu consegui registrar na rua de casa, em apenas um ano, mais de 70 espécies de aves, sendo que a maior parte delas pode também ser observada nos principais parques da cidade de São Paulo.

É claro que os parentes e amigos acharam que eu estava ficando maluco quando decidi sair para fotografar aves nos parques e áreas verdes da cidade, mas isso não importava para mim, pois eu sentia que finalmente iria poder conhecer e fotografar cada uma daquelas aves que vi e ouvi quando criança. Hoje viajo pelo país fotografando aves raras e ameaçadas de extinção, mas sempre que volto para São Paulo, deixo a janela do meu escritório aberta para poder trabalhar ouvindo e observando as aves que eu tanto amo.

Abusada, esta coruja estava cantando na varanda do meu apartamento.



Corujinha-do-mato (*Megascops choliba*)

Um verdadeiro desafio para uma pessoa que nunca havia mexido em uma máquina fotográfica, mas eu sabia que essa minha paixão pelas aves superaria este pequeno detalhe.



Saira Viúva (*Pipraeidea melanonota*)

Neste dia eu observei mais de 5 indivíduos desta espécie de saira alimentando-se nas figueiras no Parque Burle Marx.

Edson Endrigo



Periquito-Rico (*Brotogeris tirica*)

Nesta época eu andava pela cidade a procura de aves em situações interessantes. Este aqui eu cliquei bem em frente ao Palácio do Governo de São Paulo, no bairro do Morumbi.

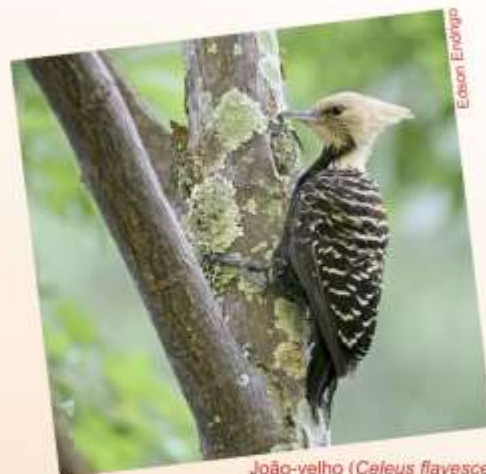
Edson Endrigo



Bentevizinho-de coroa (*Myiozetetes similis*)

Depois de comer o frutinho ele regurgitava as sementes que logo grudavam no galho.

Edson Endrigo



João-velho (*Celeus flavescens*)

Sempre que esta fêmea de pica-pau visita minha varanda eu paro tudo que estou fazendo para admirá-la com minhas filhas.



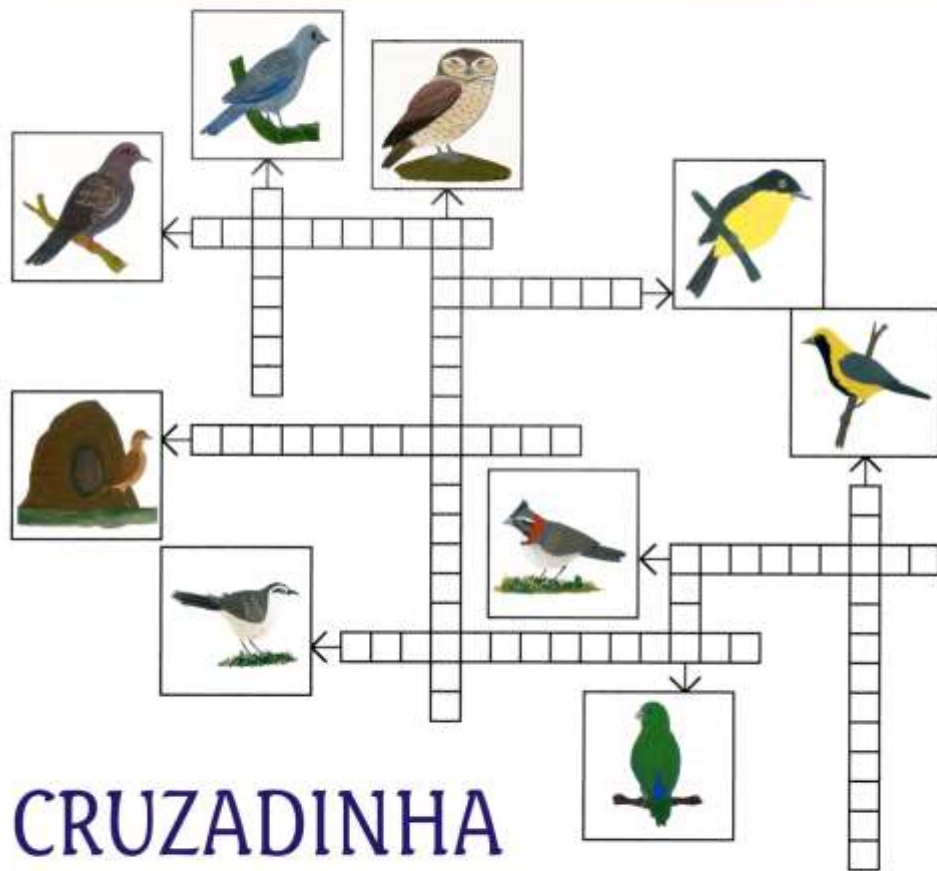
Caneleiro (*Pachyramphus castaneus*)

Eu custei para acreditar que era ele cantando na minha rua, pois eu sei que ele gosta mesmo é de floresta.

Edson Endrigo

Fotógrafo especializado em aves, já publicou alguns livros sobre esse assunto, como o guia de campo Aves da Grande São Paulo e os livros Aves da Mata Atlântica e Aves da Amazônia. É guia para observadores de aves, acompanhando observadores de aves estrangeiros e brasileiros aos destinos de observação de aves. Atualmente viaja pelo Brasil em busca de aves raras e ameaçadas de extinção.
www.avesfoto.com.br

Brincando com Aves



CRUZADINHA

Preencha os quadradinhos com os nomes das aves dos desenhos. As palavras no nome das aves devem ser separadas por um traço e o traço também deve ocupar um quadradinho. Por exemplo: sabiá-laranjeira, andorinha-pequena-de-casa.

O Gabarito está na página: 47

Propaganda

Patos, pedras e comida temperada a fogo de lenha, no Vão da Babilônia

Luiz Fernando

Chegamos já bem tarde da noite no Vão da Babilônia. Acompanhando os faroleiros do carro do Klaus, que gentilmente se dispôs a nos levar, pelos sinuosos trajetos das montanhas, tivemos, como primeira visão desse paraíso, a quase completa escuridão.

Acordamos com a algazarra das criações, em sua pacífica convivência...

Luiz Fernando



e com o canto de diversas aves que, confiantes na inofensividade dos moradores do lugar, misturam-se aqui aos animais domésticos, como o canário-da-terra...

Arthur Macarrão



Canário-da-terra (*Sicalis flaveola*)

... que se confunde com as cores do pomar...



Luiz Fernando

... o tico-tico-do-campo...



Arthur Macarrão

Tico-tico-do-campo (*Ammodramus humeralis*)

...o irrê...



Arthur Macarrão

Irrê (*Myiarchus swainsoni*)

.. e o papa-capim-de-costas-cinzas.

Arthur Macarrão



Papa-capim-de-costas-cinzas (*Sporophila ardesiaca*)

E só então, o sol já alto pela demora de nosso descanso, e os cavaleiros já de partida para a cavalcada...

Luiz Fernando



Vinicius

pudemos contemplar esse exuberante cenário...

Luiz Fernando



Macarrão fotografando

...e constatar que ali todos os olhares se enfeitam com essa inabalável moldura...

... de contrafortes e escarpas, ladeiras e despenhadeiros.

Luiz Fernando



Nossa primeira aventura foi aceitar o desafio da escalada do morro Santa Maria...

Mas antes, preparando o fôlego, uma estratégica parada para observar uma das jóias do lugar.

Luiz Fernando



Bico-de-agulha-de-rabo-vermelho (*Gaibula ruficauda*)

E depois enfrentar a ladeira...



...onde mãos ancestrais, dificultando ainda mais esse árduo trajeto, construíram a "Muralha da Babilônia".

Pedras, pedras, pedras...



E lá no alto, deslumbrados com a amplitude dessa paisagem...



...e afetados, quem sabe, pela influência mística da altitude, nos perdemos, cada um por um caminho.

Onde estarão?



Nessas alturas, nos campos rupestres, a vida é árdua! Sol e vento castigam continuamente a teimosia desses pioneiros...



... que mesmo assim, ainda florescem...



...e perpetuam sua genética...



...mesmo que timidamente...



... se adequando à secura desses lugares,...



...mas sempre com excepcional beleza.



E basta um olhar mais atento e poderemos ver aqui a fronteira da vida!

E, se nos humilharmos de joelhos, como se quiséssemos, imitando o apóstolo, nesta terra deixar depositado um beijo, veremos que naquilo que parecia simplesmente um árido chão em que pisamos, vicejam exuberantes florestas fractais.



Blocos de pedra ainda resistem como monumentos, protegidos por um manto de vida.



Mas nessas paragens inóspitas, a regra é a solidão...



... e, somente nos grotões protegidos, a vida consegue mostrar pujança, nos convidando a ir ali conhecer os seus segredos.



Morro, morro, morro... pedra, pedra, pedra...

Tudo por aqui testemunha a demora que se esperou antes que se montasse esse fantástico cenário.



Ilesos, ao final dessa cruzada, tivemos a recompensa de um descanso na cachoeira...



... e a reposição das energias perdidas com a singela comida temperada com o calor do fogo a lenha.



De volta ao nosso serviço técnico, ficamos horas à margem do ribeirão Grande, na esperança de ver o pato-mergulhão, preciosidade maior dessa Serra da Canastra, mas nada mais vimos que seu abundante e bem camuflado alimento.

Também, com aquele mesmo objetivo, eu e Macarrão percorremos boa parte do ribeirão Galheiro em seu recôndito vale.

Mas em vão. Apenas o Adilson, graças a sua vocação trófica pela submersão...



... viu sozinho chegar bem perto dele, vadeando pelo ribeirão, a tão esperada família, que logo, ao ver em seu habitat tão inesperada aparição, e tão estranha à filogenética desse lugar, deu imediata marcha-à-ré, perdendo-se rapidamente a montante.

Mas ave é o que não falta por essa Babilônia! Facilmente denunciados por seus característicos ninhos, pudemos ver esse casal de cochichos...



Cochicho (*Anumbius annumbi*)

... e esse outro casal de joão-de-paus que, discretos em sua mineiridade, não quiseram fazer pose para uma foto.



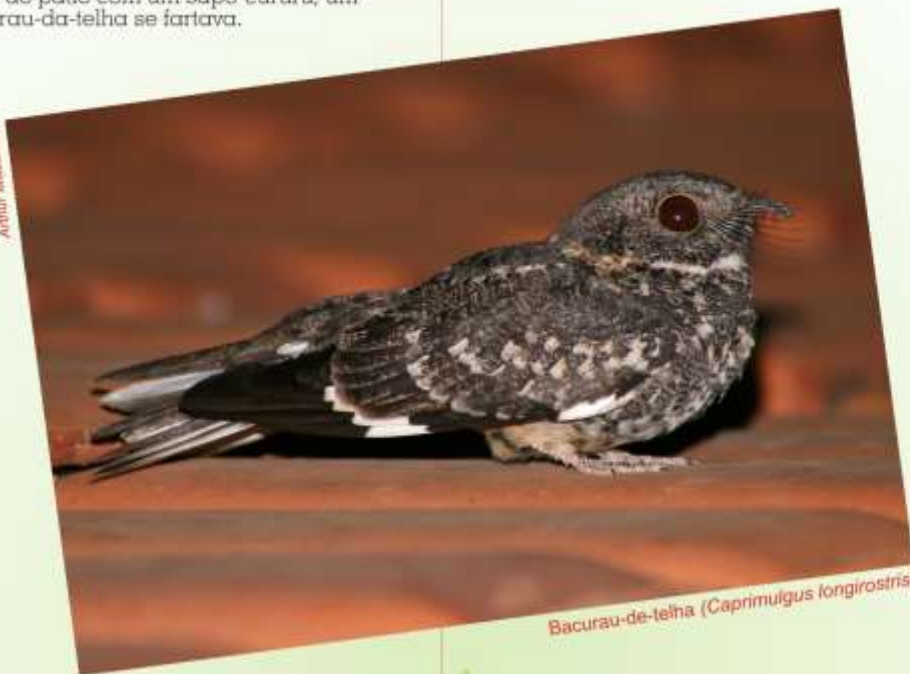
João-de-pau (*Phacellodomus rufifrons*)

No caminho pudemos ver também casas antigas cobertas com pedras.



À noite, disputando os insetos atraídos pelas luzes do pátio com um sapo-cururu, um bacurau-da-telha se fartava.

Arthur Macarão



Bacurau-de-telha (*Caprimulgus longirostris*)

Novo dia, novas esperanças: como pescadores abnegados, fomos fazer novas esperas à beira do ribeirão. Algumas aves logo vieram nos distrair, como se quisessem desviar nossa atenção de nosso principal objetivo.

Luis Fernando



Pula-pula-de-barriga-branca (*Basileuterus hypoleucus*)



Arthur Macarão

Tucano-de-bico-verde (*Ramphastos dicolorus*)

Propaganda

Por fim, lá vêm eles novamente, à deriva da correnteza... Ao nos verem, invertem calmamente o curso de seu nado e novamente lá se vão. Corremos então pelo campo adjacente e, esgueirando por trás de um arbusto à beira do riacho pudemos ver, por uma fresta entre a folhagem, o descanso da família!



Luiz Fernando



Arthur Macarrão

Pato-mergulhão (*Mergus octosetaceus*)

Pudemos então, aliviados por termos a sensação de nossa plena missão cumprida, compartilhar à vontade por poucos mas intermináveis minutos, a fraternidade desse convívio.

E, quando novamente a família mostrou-nos preferir a intimidade de seu intocado refúgio...



... sentimos que era a hora de também nos irmos.



Arthur Macarrão

Nos últimos preparativos para nosso retorno, percebo que um sentimento que julgava meu exclusivo, era na verdade coletivo: de já sentirmos todos, saudades de um lugar do qual sequer ainda havíamos saído.



Luiz Fernando

Agradecemos penhorados ao Werner que, mesmo à distância, desde o início zelou como um heróico comandante, pelo bom êxito de nossa missão. E ao seu filho, Klaus, providencial guia. Ao Antonio Belchior, que em nossa rápida passagem por Passos para o jantar, já nos deu uma amostra da gastronomia que nos esperava por esses dias, com um típico "frango caipira com arroz". À Gisele, bióloga apaixonada pela preservação da Canastra, pela visita que nos fez na Pousada e por valiosas

informações sobre a Babilônia. E ao Reinaldo, maestro da Pousada Babilônia, e a toda sua orquestra, que mostrou-se, todo o tempo em que estivemos lá, como fiéis vassalos de nossos desejos.

Texto: Luiz Fernando de Andrade Figueiredo.
Fotos: Luiz Fernando e Arthur Macarrão

O Vão da Babilônia situa-se na região sudoeste do estado de Minas Gerais, no município de Delfinópolis, que está às margens do Rio Grande, aqui transformado no reservatório de Peixoto. O acesso pode ser feito também pela cidade de Passos, de onde segue-se até São João Batista do Glória, após atravessar o rio em balsa. Daí segue-se pela estrada que vai para Delfinópolis, mas antes de chegar a essa cidade há a entrada para o Vão da Babilônia, que já está dentro do traçado do Parque Nacional da Serra da Canastra.

Pássaros raros nas várzeas de Mogi das Cruzes

Junto com Viviane e Flávio Guglielmino, membros do Grupo de Observação de Aves de Campinas - GOAC, e acompanhados por Antonio Wu, Dario Sanches e Almir Cândido, visitamos no dia 26 de abril de 2008 algumas várzeas do rio Tietê, em Mogi das Cruzes.

Numa das áreas visitadas, com coordenadas geográficas 23° 31' 52.55"S, 46° 8' 45.68"W, foram vistas duas espécies bastante raras e consideradas ameaçadas de extinção no

estado de São Paulo: o curió (*Sporophila angolensis*) e o caboclinho-de-são-paulo (*Sporophila bouvreuil saturata*).

Estes pássaros têm se reproduzido nestas várzeas, o que as torna importantes para que populações delas continuem existindo em Mogi das Cruzes.

Carlos Henrique L. N. Almeida
Observador de aves, membro do GOAC.



Caboclinho-de-são-paulo
(*Sporophila bouvreuil saturata*)

Fotos: Flávio Guglielmino

O Publicitário e Professor Universitário Antonio Wu, desenhista e fotógrafo da Natureza, é o redescobridor do raríssimo caboclinho-de-são paulo. Dessa ave, que já se acreditava extinta, há apenas cinco exemplares taxidermizados em museus, coletados há mais de 100 anos.

O registro feito pelo Wu produziu grande impacto no meio ornitológico, com repercussão em vários países, especialmente na França. Expedições orientadas pelo Professor Luiz Fábio Silveira - Curador do Museu de Zoologia da USP têm sido programadas para aprofundamento de estudos dessa preciosa ave. O caboclinho-de-são-paulo teve sua foto incluída no livro *Aves de Itapety*, de Antonio Wu, publicado em 2006.

O registro feito pelo GOAC é um feliz indicativo da permanência da ave nas regiões de várzeas de Mogi das Cruzes

Você na Revista

Participe da Revista Aves, dando sua opinião, mandando críticas e sugestões.

Preencha o questionário e nos envie pelo correio, ou visite o site do CEO - www.ceo.org.br e preencha o questionário on line.

Qual foi sua matéria preferida neste número?

- | | |
|--|--|
| ☐ Patos, pedras e comida temperada a fogo de lenha, no Vão da Babilônia | ☐ As aves do meu jardim |
| ☐ Observadores de aves de Campinas | ☐ Aves ameaçadas no Brasil e sua conservação |
| ☐ Brincando com aves | ☐ Digiscoping |
| ☐ Fotografando aves | ☐ Observar é para quem enxerga mais longe |
| ☐ Sobre carvalhos e grou | ☐ Bentevi |
| ☐ O canto do cafezal | ☐ Pássaros raros nas várzeas de Mogi das Cruzes |

Que ave(s) da cidade gostaria de ver retratada em uma matéria na Revista Aves?

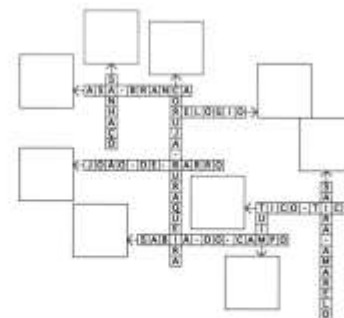
O que você acha que todo cidadão pode fazer para ajudar a proteger as aves?

Você atrai aves para seu jardim? Gostaria de mostrá-lo na Revista Aves?

Cite algumas curiosidades que tem a respeito da observação de aves, que gostaria de ver esclarecidas na Revista Aves.

GABARITO

Brincando com Aves



Sua Foto em Evidência



Canário-do-campo,
Emberizoides herbicola
João Carlos Bellestero Martins (Jone)

A foto foi tirada em novembro de 2007 no varjão do rio Jacaré-Pepira, município de Dourado, SP. É ave típica dos campos e varjões, sendo vista nos capinzais, onde, empoleirado, emite um belo canto, origem, certamente, de seu nome popular.

Jone é funcionário da prefeitura de Dourado. Há décadas se interessa pelas aves e é um assíduo observador delas. Colaborou com diversos ornitólogos que estiveram em Dourado, os quais recebe com grande satisfação e se empenha em levá-los a interessantes lugares do município, que detêm uma rica avifauna.

"Sua Foto em Evidência". Participe !!!

Mande uma amostra da foto em baixa resolução (72 dpi, jpg), juntamente com um breve texto indicando data e local onde a foto foi feita e outras informações que julgue interessante, equipamentos utilizados, etc. Fale também um pouco de você. Caso a foto seja selecionada para ser mostrada na revista, você será contatado para enviar a versão em alta resolução.

Enviar para revista_aves@ceo.org.br

3ª CAPA

Propaganda